

O MITO DE DOM QUIXOTE NO BRASIL E ALGUMAS REESCRITURAS CERVANTINAS

Prof^ª. Dr^ª Maria Augusta da Costa Vieira
Universidade de São Paulo – USP

Resumo: Como em outros lugares, o *Quixote* se difundiu em terras brasileiras por intermédio do mito criado em torno do cavaleiro. A análise da recepção da obra cervantina no Brasil supõe o estabelecimento de alguns critérios que possam distinguir orientações diferenciadas dentro de um conjunto de manifestações. Um critério possível é o da reescritura que se orienta em torno do mito quixotesco e que resgata a figura do herói em defesa dos grandes valores humanitários; o outro, o que se centra particularmente nas questões de composição da obra, tendo em conta sobretudo as relações estabelecidas entre narrador e leitor.

Palavras-chave: Dom Quixote, recepção, mito quixotesco, narrador, leitor.

Resumen: Como en otras partes, el *Quijote* se difundió en tierras brasileñas por medio del mito creado alrededor del caballero. El análisis de la recepción de la obra cervantina en Brasil supone el establecimiento de algunos criterios que puedan distinguir orientaciones variadas dentro de un conjunto de manifestaciones. Uno de los posibles criterios puede ser el de la reescritura que se orienta alrededor del mito quijotesco y que rescata la figura del héroe en defensa de los grandes valores humanitarios; el otro, el que se centra particularmente en las cuestiones de composición de la obra, teniendo en cuenta sobre todo las relaciones establecidas entre narrador y lector.

Palabras- clave: *Don Quijote*, recepción, mito quijotesco, narrador, lector.

Raras vezes, em toda a história, uma obra literária criou laços de simpatia tão estreitos com o leitor como o *Quixote* de Miguel de Cervantes. Publicado em 1605, a primeira parte, e em 1615, a segunda, em plena Espanha que atravessava o seu meio-dia e já experimentava as repercussões nefastas dos tempos de Felipe II, no entanto, o próprio Cervantes pareceu intuir que sua obra teria uma difusão ampla e duradoura. Na “Dedicatória” ao Conde de Lemos, da segunda parte, ainda que em tom irônico e paródico, o autor da obra faz a projeção ambiciosa de que as aventuras do engenhoso cavaleiro correriam mundo e teria com leitores, não apenas no Ocidente, mas também no Oriente. De fato, o *Quixote* foi traduzido

Revista Araticum

Programa de Pós-graduação em Letras/Estudos Literários da Unimontes
v.7, n.1, 2013. ISSN: 2179-6793

para inúmeros idiomas e, como já se pôde comprovar, representa um espaço de convergência entre as mais variadas culturas e nacionalidades.

Certamente, essa abrangência de leitores não foi obra do acaso. Ao contrário, fez parte do projeto de composição cervantino. Por um lado, trata-se da história de um fidalgo decadente que antes de se tornar um pretense personagem da cavalaria é leitor inveterado que tem como quadro de referências o universo literário. Por outro lado, a voz narrativa estabelece um diálogo intenso com o leitor da obra de modo a envolvê-lo no emaranhado das aventuras, nas diversas perspectivas dos múltiplos personagens e no próprio modo de contar a história. É curioso observar, por exemplo, no capítulo III da segunda parte, quando Sansão Carrasco - o personagem que também é leitor da primeira parte da obra já publicada - numa conversa instigante com Dom Quixote e Sancho sobre questões relacionadas com a própria obra em torno das aventuras, da autoria, e também da recepção aponta algumas de suas qualidades: “tão clara é ela [a obra] que nada tem de dificultoso: as crianças a manuseiam, os moços a lêem, os homens a entendem e os velhos a celebram.” Esta galeria de prováveis leitores, divididos pelas fases da vida, aparece de modo mais abrangente no “Prólogo” da primeira parte, quando o suposto autor ou o padrao de Dom Quixote - como ele próprio se define - esclarece quais são seus propósitos em relação a seu eventual leitor, que poderia ser engenhoso, melancólico, risonho, tolo, prudente ou discreto. Pela perspectiva do autor, cada um deles terá seu lugar garantido de modo que a obra possa agradar tanto o leitor mais refinado, preocupado com a composição engenhosa, quanto o leitor que se atém exclusivamente ao caráter anedótico da narração.

Ao longo desses quatro séculos, portanto, a obra reuniu um universo amplo de leitores o que, conseqüentemente, multiplicou o número de suas interpretações. Nesse sentido, é interessante observar como a fortuna crítica da obra foi adquirindo novas feições: mudaram-se os tempos, mudaram-se as vontades e as andanças de Dom Quixote e Sancho, em alguma medida, se

Revista Araticum

Programa de Pós-graduação em Letras/Estudos Literários da Unimontes
v.7, n.1, 2013. ISSN: 2179-6793

ajustaram às novas épocas, adquirindo “novas qualidades” (para lembrar o soneto de Camões), certamente não previstas e nem imaginadas pelo *manco de Lepanto*.

Tendo em conta essa variedade de leitores, seria possível destacar ao menos dois grandes momentos que marcaram modos diversos de interpretação da obra. As leituras dos séculos XVII e XVIII, que poderiam ser consideradas como contemporâneas, encontraram na obra grande comicidade produzida essencialmente pelo procedimento paródico em relação às novelas de cavalaria. A partir do século XIX ocorreu um grande redirecionamento interpretativo, iniciado pelos românticos alemães, que privilegiou o idealismo do cavaleiro, sua loucura de caráter sublime e, sem ignorar o estilo paródico em relação às novelas de cavalaria, deu destaque para a nova forma que a obra constrói, isto é, o romance. Em lugar do cavaleiro louco, repleto de comicidade, Dom Quixote foi levado a sério de modo que seus desacertos, em lugar de provocar o riso, foram vistos com um sentido simbólico de viés trágico, capaz de sintetizar as questões mais problemáticas do homem moderno.

Rastrear a influência do *Quixote* na literatura em geral seria uma tarefa de certo modo destinada ao fracasso tendo em conta que a obra de Cervantes, além de narrar a interessantíssima história de dom Quixote e Sancho, semeou os fundamentos do romance e, desse modo, em alguma medida, todos os romances posteriores lhe devem algum tributo. É impossível ignorar a presença da obra em Fielding, Sterne, Walter Scott, Balzac, Stendhal, Flaubert, Galdós, Dostoievski, Machado de Assis, Proust, Unamuno, Kafka, James Joyce, Thomas Mann, Borges, Carpentier, García Márquez, Carlos Fuentes, Lima Barreto, Luis Martín-Santos, para citar nada mais do que alguns romancistas. Além do mais, devido à sua pronunciada força imaginativa, a obra de Cervantes conta com múltiplas reinterpretações em outras linguagens artísticas, isto é, na pintura, escultura, música, teatro e cinema.

No entanto, é curioso observar que apesar de seu uma obra de referência, o número efetivo de seus leitores acaba sendo inferior ao que era de se esperar. De certo modo, ocorre com o *Quixote* algo excepcional, ou seja, em lugar do mito

se transformar em obra literária, a obra literária se transformou num mito e, desse modo, cavaleiro e escudeiro acabam sendo mais “conhecidos” do que propriamente lidos. É muito provável que mesmo sem ter lido a obra, seja possível reconhecer a imagem do cavaleiro, acompanhado por seu escudeiro, em guerra declarada contra os moinhos de vento. Ou mesmo, parece ser inconfundível a imagem de um cavaleiro esquelético, montado num cavalo que parece estar vivenciando seus últimos dias, ao lado de um escudeiro gordinho, inseparável de seu burrico.

Em outros termos, parece que com a obra de Cervantes sucede algo um tanto paradoxal, ou seja, a reconhecemos perfeitamente sem conhecê-la verdadeiramente. Assim, nos aproximamos da própria idéia do mito que nos interessa nessa exposição, ou seja, é como se a personagem ocupasse no nosso imaginário um lugar próprio do mito que se traduz pela ambigüidade entre a ausência de uma identidade propriamente histórica e, ao mesmo tempo, a ausência de um caráter essencialmente ficcional. Ao mesmo tempo em que parece ser a narração mais disparatada que já se pode imaginar, parece ser também a encarnação mais verdadeira e mais humana dos desejos e inquietações que palpitam pelas veias de seus leitores ao longo de tantos séculos. E o mais curioso é que ainda depois da leitura da obra, ou seja, depois de conhecer dom Quixote e Sancho como seres de papel, resta alguma ilusão de que ambos, há muito tempo, foram seres de carne e osso. Ao que tudo indica, o mito de dom Quixote nasce dessa idéia um tanto ambígua que ronda a sua identidade e que faz confundir o estatuto de pessoa e personagem, fazendo com que o cavaleiro e seu escudeiro fiquem enredados nas malhas da história e da ficção, em realidades imaginárias e em espaços reais.

Um dos recursos para a produção dessa ambigüidade nasce de um conjunto de estratégias narrativas, sendo uma delas o fato de que primeira parte da obra aparece como texto já publicado na segunda parte, permitindo ao cavaleiro conversar com alguns dos leitores de sua própria história. No capítulo 2 da segunda parte, quando dom Quixote ainda se encontra em sua casa e parece

Revista Araticum

Programa de Pós-graduação em Letras/Estudos Literários da Unimontes
v.7, n.1, 2013. ISSN: 2179-6793

ter se esquecido de sua loucura, recebe a visita de Sancho que lhe conta sobre a opinião que as pessoas da aldeia onde moram têm sobre o cavaleiro e seu escudeiro, além de lhe dar a notícia excepcional da publicação de sua história e do encontro com um de seus leitores – o bacharel Sansão Carrasco, estudante de Salamanca – que veio passar uns dias no povoado. No dia seguinte, dom Quixote já recebe em sua casa o leitor de sua própria história que lhe dá notícias sobre variados detalhes da obra, comenta episódios e conta que o autor da história é um tal árabe, Cide Hamete Benengeli, o que preocupa consideravelmente o cavaleiro.

O diálogo com Sansão Carrasco nos conduz a uma situação um tanto rara pois talvez o que tenhamos lido como as histórias da loucura de um fidalgo da região da Mancha sofra, nesse momento, um deslocamento ou simplesmente ganhe novo estatuto. Ou seja, o que até o momento se limitava ao campo da ficção, a partir desse diálogo passa a se integrar no campo da história, como se dom Quixote e Sancho, além de personagens, adquirissem também a condição de pessoas que discutem com um leitor aspectos de uma obra literária com a qual estão integralmente envolvidos, e assim, o que parece ser real se confunde com o que parece ser puramente imaginário.

Este jogo que a obra propõe entre verdade e ficção, assim como a leitura da obra como algo que quer divertir e entreter o leitor, como diz o autor no prólogo da primeira parte, acaba ganhando novo sentido a partir do século XIX com a leitura romântica que se faz da obra, deslocando a loucura do cavaleiro para o âmbito da loucura sublime e do idealismo, substituindo os efeitos de comicidade por sentidos sérios, se não trágicos, de modo que as andanças do cavaleiro passam a se amoldar às inquietações próprias da condição humana considerada por meio de olhares de outros tempos, bem distante dos séculos XVI e XVII ibéricos. Assim, o inusitado cavaleiro muitas vezes se amoldou ao mito ou à leitura da obra lapidada por uma interpretação pós-iluminista e se ajustou às questões alheias à sua história, mas que, no entanto, inquietavam o panorama nacional. Quando a obra de Cervantes foi considerada a partir de outro viés, é possível dizer que se tratou de uma exceção à regra.

Revista Araticum

Programa de Pós-graduação em Letras/Estudos Literários da Unimontes
v.7, n.1, 2013. ISSN: 2179-6793

Com relação à recepção da obra de Cervantes no contexto brasileiro, é possível afirmar que na leitura do *Quixote* em terras brasileiras predominou a interpretação da obra feita pela Geração de 98 espanhola e, em particular, pelos trabalhos de Miguel de Unamuno que, entre outras coisas escreveu *Vida de don Quijote y Sancho*, em que vai narrando, segunda sua própria interpretação, os sentidos da obra. Além de uma história em quadrinhos na *Revista Don Quixote* de Ângelo Agostini publicada nos últimos anos do século XIX e da de Bastos Tigre, com o mesmo título, publicada nos anos 20, a obra cervantina contou com algumas comemorações realizadas no Gabinete Português de Leitura por ocasião de seu terceiro centenário.

Do ponto de vista da prosa narrativa, cabe destacar alguns romances nos quais é possível identificar alguns traços quixotescos. Bastante familiar ao universo de dom Quixote é Policarpo Quaresma, personagem central de *Triste fim de Policarpo Quaresma* de Lima Barreto. A personagem se concentra num projeto de caráter épico que propõe alternativas para redirecionar os tortuosos caminhos da nação. Patriota empedernido, busca o ressurgimento das raízes brasileiras no momento em que as referências estrangeiras, especialmente os modelos da vida urbana parisiense, vão se impondo na vida nacional. O romance, publicado em forma de folhetim em 1911 e como livro em 1915, surge em tempos de profundas contradições sociais e políticas. A ideologia do êxito econômico e da ascensão social ganham espaço no momento em que ainda predominam valores e estruturas tradicionais.

Policarpo Quaresma é um comandante militar que se dedica a trabalhos burocráticos no Arsenal de Guerra no Rio de Janeiro. Nos momentos de lazer, se fecha em sua biblioteca e se põe a estudar o Brasil: riquezas naturais, geografia, história, política, cultura e literatura. Está convencido de que seu conhecimento o autoriza a propor reformas radicais. Apesar das muitas leituras que foi acumulando, Policarpo é um tipo tímido que não dispõe da grandiloquência quixotesca. Deixa a impressão de ter passado a vida dialogando com os livros, submerso no seu silêncio. Como o cavaleiro, por

Revista Araticum

Programa de Pós-graduação em Letras/Estudos Literários da Unimontes
v.7, n.1, 2013. ISSN: 2179-6793

volta dos cinquenta anos, torna público seu projeto que trata de uma extremada reforma lingüística no sentido de adotar o tupi como língua oficial do Brasil, resgatando assim as legítimas raízes brasileiras. Com uma idéia tão desatinada, não demora muito para se tornar vítima da opinião pública que o exclui da sociedade, internando-o num manicômio. Seu segundo passo caminha na mesma direção: apresenta ao governo um memorial para a recuperação da agricultura nacional, o que certamente não recebe a menor atenção das autoridades. Novamente é submetido à exclusão social, só que dessa vez vai parar na prisão. De certo modo, Policarpo recupera para o Brasil da *belle époque* a figura satírica do arbitrista, tão fecunda na Espanha do “Século de Ouro”, que não hesitava em propor planos mirabolantes, na maioria das vezes, para soerguer no âmbito ibérico o vasto império de Felipe II. Vítima de uma profunda desesperança, Policarpo já não acredita nas possíveis transformações na ordem das coisas e, sem projetos, se deixa morrer.

A configuração quixotesca da personagem não se limita ao inconformismo que se consumiu em anos de silêncio repletos de espelanismos ou ao afã de erudição unido a excêntricas idéias nacionalistas. Sua convivência social é limitada e seus interesses incompatíveis com os da sociedade. Do desencontro entre a visão da sociedade e a do protagonista nasce o projeto crítico da obra que configura um Brasil arcaizante, contraposto a um sonho utópico. Em meio ao riso que provocam as loucuras de Policarpo, desponta o cerne do personagem que se caracteriza por um idealismo social e patriótico incongruente, combinado com uma ferrenha fidelidade aos princípios. Assim como Dom Quixote, o personagem se situa na imbricação do trágico e do cômico, da loucura e da sensatez. Sua trajetória, semelhante à do cavaleiro, parece estruturar-se sobre um projeto essencialmente ingênuo e grandioso que teve que se deslocar do âmbito da épica para o mundo circunscrito da individualidade.

Com destino diferente e com marcas quixotescas mais discretas, o Coronel Vitorino Carneiro da Cunha, personagem de *Fogo morto* (1943) de José Lins do

Revista Araticum

Programa de Pós-graduação em Letras/Estudos Literários da Unimontes
v.7, n.1, 2013. ISSN: 2179-6793

Rêgo, constitui outra retomada dos passos do cavaleiro. Na linha do romance social que se desenvolve por volta dos anos de 1930 e 1940, junto com Gilberto Freyre e outros, José Lins cria o Movimento Regionalista com o intuito de assegurar tradições e valores nordestinos e com a preocupação de aprofundar a visão crítica da sociedade por intermédio da criação de personagens com maior consistência social e psicológica.

O romance se instala na decadente realidade rural do nordeste e a análise do tempo e do espaço se desenvolve a partir de três personagens nucleares que ocupam diferentes posições na sociedade e sofrem, cada uma a seu modo, as conseqüências de uma realidade de alternativas escassas ou quase nulas. Um deles, Zé Amaro, um artesão em decadência, prende-se à tradição iniciada por seu pai, vivendo nas terras de um senhor de engenho que quer expulsá-lo. Passa por uma crise de identidade caracterizada fundamentalmente pela revisão que faz de sua submissão histórica diante de uma hierarquia social perniciosa, revisão que se traduz metaforicamente pelas feições demoníacas que vai adquirindo. Outra personagem é um decadente senhor de engenho improdutivo, o Coronel Lula de Holanda, que não se adapta às novas relações de trabalho após a libertação dos escravos, ignorando direitos e deveres sociais. Vive em profundo silêncio e sua expressão se limita ao rangido da rede, na qual consome seus dias. A terceira personagem, o Coronel Vitorino Carneiro da Cunha, embora tenha parentesco com Lula de Holanda, representa a parte mais empobrecida da aristocracia rural. Passa por dificuldades e não é proprietário de nenhum bem. O que o distingue das demais personagens é justamente sua perspectiva quixotesca, que o converte num paladino da justiça e dos necessitados: ele ronda os campos sempre montado num cavalo franzino, encontrando na palavra sua arma principal. No entanto, sua intervenção é, na maioria das vezes, improdutivo, pois seus critérios já não correspondem aos da realidade social.

Embora mantenha o distanciamento em relação aos impulsos ineficazes do Coronel Vitorino, o narrador não carrega tanto nas tintas realistas a ponto de

transformá-lo numa personagem verdadeiramente cômica. Sua presença no romance se concentra sobretudo na expressão da resistência, no sentido de assegurar os princípios humanitários num mundo que parece se perder num redemoinho. Mais ou menos como o cavaleiro, sua fragilidade física fica compensada pela densidade moral. Ainda que a personagem não tenha capacidade para transformar a vida social, sua ação alimenta o projeto quixotesco de uma nova sociedade e o romance, por sua vez, garante uma distribuição equilibrada entre os impulsos românticos da personagem e o enfoque realista do narrador.

As personagens que de fato interferem na ordem dos fatos são os cangaceiros sob o comando de Antonio Silvino, que se apresentam como resistência implacável diante dos velhos senhores de engenho. Assim, a ação ao estilo quixotesco do velho Coronel que privilegia a ética não chega a alterar o cenário decadente desse mundo rural; no entanto, mantém-se paralela à ação de Antonio Silvino e seu bando, que, utilizando violência e estratégias de ataque, conseguem conquistar direitos. Desse modo, o cangaceiro acaba representando uma versão atual do Coronel Vitorino, contando com uma milícia organizada, conectada com forças políticas importantes para combater as injustiças que se espalham como praga por essas terras.

As marcas quixotescas presentes no romance de Lins do Rego têm portanto a expressão da resistência no sentido de tratar de assegurar princípios. O Coronel Vitorino não transforma nada concretamente, mas destaca valores que tacitamente alimentam a idéia de uma sociedade nova. Tanto em *Policarpo Quaresma* quanto em *Fogo morto*, o mito quixotesco se amolda às personagens. As alusões à obra são implícitas e deixam entrever, por intermédio de Policarpo e do Coronel Vitorino, uma leitura idealista da ação quixotesca transposta a variadas representações da vida brasileira.

Uma relação diferente com a obra de Cervantes se estabelece quando a zona de contato se dá por outros caminhos, isto é, pelo viés da escritura cervantina. Em lugar de focar a presença do cavaleiro carregado de

Revista Araticum

Programa de Pós-graduação em Letras/Estudos Literários da Unimontes
v.7, n.1, 2013. ISSN: 2179-6793

simbolismos, o foco se volta particularmente para questões relacionadas com a composição num sentido amplo e, nesse caso, a imagem calcada no mito quixotesco, cede lugar para os processos de enunciação, próprios de certas escrituras. Essa relação constitui, em certa medida, uma exceção à regra quando se tem em conta os ecos do *Quixote* em diferentes literaturas e em diferentes tempos.

No caso do Brasil, Machado de Assis parece ter sido aquele que ultrapassou os lados mais sedutores do cavaleiro impregnados de idealismos e melancolias e abarcou em seus olhares a complexidade literária cervantina. Certamente a questão é intrincada e exige um estudo rigoroso da obra machadiana. Ao que tudo indica, Machado, como Cervantes, concebia a literatura como um oceano onde as águas se entremeiam continuamente. Diz em *Esaú e Jacó* (1904), como que legitimando um procedimento iniciado em *Memórias póstumas de Brás Cubas* (1881): “as próprias idéias nem sempre conservam o nome do pai; muitas aparecem órfãs, nascidas de nada e de ninguém. Cada um pega delas, verte-as como pode, e vai levá-las à feira, onde todos as têm por suas.” Este amálgama de idéias dificulta o reconhecimento da paternidade, no entanto na obra de Machado de Assis as alusões ao *Quixote* são várias, algumas mais explícitas, outras mais figuradas.

Talvez não seja precipitado afirmar que o silêncio da crítica machadiana em relação ao *Quixote* se deva ao conhecimento diminuto em relação à obra de Cervantes ou mesmo a uma leitura inflexível, fixada no mito. Não é necessário percorrer toda a obra de Machado de Assis para constatar, por exemplo, a presença do humor e da ironia, de personagens vítimas de uma idéia fixa e a recorrência ao tema da loucura imbricada com a razão, questões que se encontram no núcleo da própria identidade de Dom Quixote, definido com perplexidade por vários personagens como “un entreverado loco, lloeno de lúcidos intervalos” (*DQ*, II, cap. 18)

Em *Memórias póstumas de Brás Cubas*, Machado também adota a narração descontínua e faz de seus percursos um tema de modo que o leitor se

Revista Araticum

Programa de Pós-graduação em Letras/Estudos Literários da Unimontes
v.7, n.1, 2013. ISSN: 2179-6793

vê envolvido nas fibras da narrativa. Enquanto o narrador se distrai da fastidiosa condição de defunto, o leitor se vê em mãos de um narrador cuja atitude roça a loucura. Como em Garrett, Sterne, e Xavier de Maistre, a digressão é um elemento estruturador do romance, responsável pelo estilo sinuoso que conta a história sem os alinhavos, como se estivesse seguindo o traçado de um ébrio.

É ineludível o fato de que Cervantes tenha sido o primeiro a introduzir no romance as digressões metalingüísticas com tamanha agudeza, humor, ironia e provocação. O entranhado desabafo de Cide Hamete Benengeli, ao chamar a atenção para as diferenças entre a primeira e a segunda parte da obra por meio da declaração de seus objetivos estéticos (*DQ*, II, cap. 44), é um exemplo preciso de um procedimento narrativo que será retomado por múltiplos escritores.

Segundo Carlos Fuentes, Num artigo publicado no *Caderno Mais da Folha de São Paulo* (01/10/2000 pp 4-11), Machado de Assis foi o único romancista ibero-americano do século XIX que trilhou as sendas de Cervantes, inscrevendo-se dentro do que convencionou designar como “tradição de la Mancha”. Dentro do romance latino-americano marcado pela hispanofobia gerada pelos movimentos independentistas, Fuentes considera Machado uma exceção. É curioso observar que foi necessária uma voz externa – externa no sentido de não brasileira, ainda que ibero-americana – para que se apontasse o vínculo entre Machado e Cervantes. No entanto, se as idéias de Fuentes são sedutoras no sentido de deslindar as linhagens do romance e destacar as conexões do romancista brasileiro com a obra do espanhol, a argumentação não chega a convencer plenamente sobretudo pelo anacronismo que paira em algumas de suas considerações sobre Cervantes e a Espanha do “Século de Ouro”.

Cervantes, assim como Machado, inscreve-se na tradição literária mais ampla que nasce na antiguidade clássica (com Luciano de Samósata) e que privilegia o riso, a sátira, a paródia das formas consagradas, a subversão do equilíbrio entre os gêneros puros da tradição clássica, a composição de um

Revista Araticum

Programa de Pós-graduação em Letras/Estudos Literários da Unimontes
v.7, n.1, 2013. ISSN: 2179-6793

texto auto-reflexivo em que o narrador descreve sua própria condição, e - para enumerar nada mais que alguns dos traços dessa tradição - a opção por imitar discursos e não a vida. Nesse caso, ao lado de Erasmo, Rabelais, Shakespeare, Diderot, Sterne, e outros, encontram-se Cervantes e Machado de Assis que, entre outras coisas, exploram a perspectiva irônica do narrador e estabelecem uma relação tensa e ao mesmo tempo amigável com o leitor, atentos sempre à política intrínseca da escritura.

Para fechar o trajeto em busca da presença do *Quixote* em algumas obras do romance brasileiro, seria possível dizer que as criações pautadas pelas marcas cervantinas são traduzidas pela leitura instigante que suscita no leitor a análise e a reflexão sobre as formas e os artifícios literários. Por outro lado, as obras orientadas pelo mito quixotesco apelam para os afetos e provocam no leitor o sentimento desconcertante e, ao mesmo tempo prazeroso, de ter em mãos a imagem de um herói tão bem intencionado e, ao mesmo tempo, inevitavelmente incompreendido.

Referências

- CANDIDO, Antonio. "Literatura comparada". *Recortes*. São Paulo: Companhia das Letras, 1993.
- CASTELO, J. A. *José Lins do Rego: Modernismo e Regionalismo*. São Paulo, Edart, 1961, p. 151.
- CASTIGLIONE, Baldassare. *El Cortesano*. Edición de Mario Pozzi, traducción de Juan Boscán. Madrid: Ed. Cátedra/Letras Universales, 1994.
- CERVANTES, Miguel de. *El Quijote*. Dir. Francisco Rico. Barcelona: Instituto Cervantes, Editorial Crítica, 1998, 2ª. ed.
- CLOSE, Anthony. *The Romantic Approach to Don Quixote: A Critical History of the Romantic Tradition in Quixote Criticism*. Cambridge, Cambridge University Press, 1978.
- _____. "Las interpretaciones del *Quijote*" *Don Quijote*, Ed. de Francisco Rico, Barcelona, Instituto Cervantes/Editorial Crítica, 1998, 2a ed., pp. CXLII-CLXV..
- COSTA LIMA, L (Org.). *A literatura e o leitor – Textos de estética da recepção*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1979.

Revista Araticum

Programa de Pós-graduação em Letras/Estudos Literários da Unimontes
v.7, n.1, 2013. ISSN: 2179-6793

- FOKKEMA, Douwe. "La literatura comparada y el nuevo paradigma". *Orientaciones en la Literatura Comparada*. Org. Dolores Romero López. Madrid: Arco/Libros, 1998. 149-172.
- FUENTES, Carlos: *Machado de la Mancha*. México: Fondo de Cultura Económica, 2001.
- HOLANDA, Sérgio Buarque de. *Raízes do Brasil*. 26ª ed. São Paulo: Companhia das Letras, 1995.
- JOSET, Jacques. "Carlos Fuentes o la lectura especular de Cervantes". *Actas del II Congreso Internacional de Cervantistas*. Ed. de Giuseppe Grilli. Nápoles, Istituto Universitario Orientale, Nápoles, 1995. 887-898.
- MACEDO SOARES. "Cervantes en el Brasil" in *Boletín de la Academia Argentina de Letras*. Tomo XVI, n. 61.
- MACHADO DE ASSIS, J. M. *Esaú e Jacó*. Rio de Janeiro: Livraria Garnier, 1988.
- _____. *Memória póstuma de Brás Cubas*. São Paulo: Editora Scipione, 1994.
- _____. *Papéis Avulsos*. Ed. e introd. de Ivan Teixeira. São Paulo: Martins Fontes, 2005.
- MARTÍN MORÁN, J. M. "Palacio quijotista. Actitudes sensoriales en la crítica sobre el *Quijote* de la segunda mitad del siglo XX". Bernat Vistarini, A. (ed.), *Volver a Cervantes. Actas del IV Congreso Internacional de la Asociación de Cervantistas*, 2 vols., Palma, Universitat de les Illes Balears, 2001, I, pp. 141-194.
- MERQUIOR, José Guilherme "O romance carnavalesco de Machado". *Memórias póstumas de Brás Cubas*. São Paulo: Ática, 1990.
- MONTERO REGUERA, José. "La crítica sobre el *Quijote* en la primera mitad del siglo XX". Em Antonio Bernat Vistarini (ed.) *Volver a Cervantes. Actas del IV Congreso Internacional de la Asociación de Cervantistas*, 2 vols. Palma de Mallorca: Universitat de les Illes Balears, 2001, I, pp. 195-236.
- REDONDO, Agustín. *Otra manera de leer el Quijote – Historia, Tradiciones culturales y Literatura*. Madrid: Castalia, 1997.
- REGO, Enylton de Sá (1989): *O calundu e a panacéia: Machado de Assis, a sátira menipéia e a tradição luciânica*. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1989.
- RÊGO, José Lins do. *Fogo morto*. 10ª ed. Rio de Janeiro: José Olympio Editora, 1970.
- VIEIRA, M. Augusta C. "Crítica, creación e historia en la recepción del *Quijote* en Brasil (1890-1950)". *Actas del IV Congreso Internacional de la Asociación de Cervantistas*. Lepanto/Illes Balears (2000): 1145-1152.